

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

Renan da Silva Freitas

**O Professor, o Figurino e o Guarda-Roupas:
uma reflexão sobre identidades vestíveis**

**Porto Alegre
2023**

Renan da Silva Freitas

**O Professor, o Figurino e o Guarda-Roupas:
uma reflexão sobre identidades vestíveis**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizado sob orientação da Profª Dorcas Weber.

**Porto Alegre
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Freitas, Renan da Silva
O Professor, o Figurino e o Guarda-Roupas: uma
reflexão sobre identidades vestíveis / Renan da Silva
Freitas. -- 2023.
48 f.
Orientadora: Dorcas Janice Weber.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Licenciatura em Artes Visuais, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. Ensino de Artes Visuais. 2. Vestuário. 3. Moda .
4. Identidades. 5. Docência. I. Weber, Dorcas Janice,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Angelina, desculpe por cada bolinha não jogada.

Obrigado por estar sempre comigo.

...Em Jope havia uma discípula.

Que se dedicava a praticar boas obras...

RESUMO

Este trabalho apresenta como tema mobilizador os modos de vestir e sua influência na vida em sociedade. Os símbolos relacionados aos modos de vestir têm funções que envolvem o modo de comunicar a intenção de pertencer a determinados grupos e/ou setores sociais. Buscou-se aqui discutir e problematizar o entendimento acerca do vestuário e compreendê-lo como um processo integrado ao ciclo de formação das pessoas e, portanto, fundamental de ser abordado no contexto da educação formal. Para isso, foi importante tecer diálogos entre a história da arte e do vestuário, além de refletir sobre ele como elemento de auto promoção, introduzindo manifestações de personalidade, feminismo, gênero, respeito, tolerância e contexto sociocultural. Tais estudos serviram de base para a realização de ação no contexto escolar na qual foi proposta a construção de um objeto vestível relacionado às identidades ocultadas. Por fim, o elemento mobilizador desta pesquisa, alinhavada à prática na escola possibilitaram a percepção da minha identidade, persona, pessoa, avatar, ator, performance e/ou indivíduo como docente. A qual começa a ganhar forma a partir das costuras de figurinos, realizadas entre leituras, aulas, objetos, situações ordinárias e experiências docentes que constituem este tempo de formação.

Palavras chave: Ensino de Artes Visuais; Vestuário; Moda; Identidades; Docência.

SUMÁRIO

ESCOLHENDO AS AGULHAS	7
1 ARREMATE INICIAL	9
2 UMA AULA, UM PROFESSOR E UM JEANS VIAJANTE: um exemplo de como introduzir o assunto	16
3 COSTURANDO OS PEDAÇOS DO MÉDICO NO MONSTRO: um frankenstein de possibilidades	22
4 O PROFESSOR NO LABIRINTO DE CRETA: um mapa que não serve pra quase nada	34
ALINHAVOS FINAIS	43
REFERÊNCIAS	47

ESCOLHENDO AS AGULHAS

Uma vez ouvi de um gerente de vendas, numa loja de calçados onde eu trabalhava, dizer que um bom vendedor tem que perceber os detalhes de uma possível venda. Ele disse: “Reparem na roupa! Uma mulher que entra na loja usando um vestido florido, têm mais chances de comprar mais de dois pares de sapatos do que uma mulher que chega de camiseta preta”. Na teoria dele, uma mulher de vestido, estampado com flores está feliz, disposta e pronta para gastar. Uma observação que não está totalmente errada. A roupa que usamos está carregada de informações, às vezes, subliminares e não percebidas por quem veste. Vai saber se o vestido florido não era a única peça limpa que aquela mulher tinha, e muito menos que uma camiseta preta indique seriedade ou controle financeiro. Eu sei por mim! Vestimentas tem história, sobreposições indicam tentativas de estilo, ou de sensações como frio e calor. Um “*BAZINGA*” no peito abre espaço para irônia, se você entender a referência. Saia lápis e *scarpin*, aponta uma advogada? *Legging* é uniforme de professora?

No desenrolar desse novelo de pensamentos e reflexões sobre o que vestimos, vou tentar organizar nomenclaturas, filosofar sobre multiversos de identidades, vestir e despir personas e personalidades e performar cenas banais do cotidiano. Porque o show, a cena, o *fashion* e o brega tem que continuar. E se você acha que a arte é bobagem, que roupa é roupa e que falar de moda é fútil. Te desafio a ir na padaria pelado.

Neste estudo que problematiza as roupas que nos vestem em distintas situações e intenções busquei debater temas que circundam uma inquietação sobre como seria possível integrar estudos sobre vestimentas no contexto do ensino de artes visuais, entendendo o vestuário como um figurino que performa em cenas cotidianas adolescentes? Neste sentido, o objetivo para o estudo constituiu-se em entender o que é o figurino no contexto diário e a importância que ele tem sobre a personalidade e sentimentos da personagem/indivíduo para, a partir disso, desenvolver uma proposta e debater o vestuário como um figurino no contexto do ensino escolar de artes visuais.

O modo de vestir influencia na apresentação pessoal para a sociedade.

Os símbolos vestíveis têm, também, a função de comunicar a intenção de pertencer a determinados grupos e/ou setores sociais. Neste sentido, problematizar o entendimento acerca do vestuário e compreendê-lo como um processo integrado ao ciclo de formação das pessoas, é fundamental de ser problematizado no contexto escolar. Realizar estes estudos pode despontar diálogos entre a história da arte e do vestuário, além de refletir sobre ele como elemento de auto promoção, introduzindo manifestações de personalidade, feminismo, respeito, tolerância e contexto sociocultural. Com isso os assuntos, que serão debatidos no decorrer do texto, possuem muita carga pessoal e emocional. Sim, EU estou presente em cada “entre aspas”. São relatos e lembranças de um corpo que pensa como os textos da WIKIPEDIA, abrindo vários links de referências, e depositando sentimentos em caixinhas que deveriam ser abertas apenas em sessões de terapia e que aqui serão apresentadas como tramas de tecidos em uma loja, ou na mesa de um atelier de costura prestes a dar forma à algo, com potencial a ser explorado em, quem sabe, outra ocasião.

Este estudo foi realizado em duas etapas, atravessadas por memórias de situações de 33 anos, uma delas, a primeira, caracterizou-se por uma pesquisa bibliográfica e um reflexão sobre os conceitos e teorizações fundamentais que embasam a investigação a fim de traçar relações entre tendências de moda e suas contribuições com o cotidiano escolar, aspectos que estão apresentados nos capítulos iniciais. E, a seguir, são trazidas cenas do desenvolvimento de propostas relacionadas com a reflexão e produção de figurinos, realizadas no contexto escolar. Ambas referenciando trabalhos (figurinos) pessoais desenvolvidos desde 2016.

1 ARREIMATE INICIAL

Faz tempo que eu venho entendendo que a vestimenta diz muito sobre quem a usa, e essa consciência vem se construindo desde 2009. Quando eu cursava Design de Móveis, em outra cidade, comecei a perceber outras referências relacionadas ao modo de vestir que me motivaram a tentar e experimentar formas diferentes de vestuário e expressar mais minha personalidade por meio das roupas, nada muito ousado, mas tentando “vestir” calças rasgadas, camisetas com estampas diferentes, cores mais saturadas e tudo “de bom” que os anos 2000, no interior do Rio Grande do Sul, tem pra oferecer. Estar em outra cidade, convivendo com outras pessoas e culturas me permitiu ser mais ousado. No decorrer do curso as habilidades de criação, para atender as demandas dos professores, foram se esgotando e era preciso “produzir” algo “diferente”, para poder ser diferente. Foi quando as revistas de moda começaram a fazer parte do meu repertório.

Os meus colegas pesquisavam em catálogos de lojas, sites que apresentavam móveis europeus e eu buscava referências em revistas como ELLE, Vogue, Bazaar¹... Tendências de marrom e cinza, *color-blocking*, poltronas com vinil de esmalte, *kitsch* eram base para projetos melhor avaliados pelos professores. Fazer uso dessas referências, para mim, na época, era uma ação clandestina, pois eu não compartilhava minhas referências com meus colegas e professores. Sentia que fazer uso desse material era algo proibido, essa fonte de pesquisa me dava vergonha, era algo que eu deveria fazer sem ninguém saber, pelo menos até eu achar uma desculpa.

No final deste curso, tudo decidido e nada resolvido. Iniciei um relacionamento com uma menina que estava começando a carreira de modelo, então os assuntos sobre moda eram frequentes, juntamente com as escolhas de vestibular. Entre as três opções que a inscrição exigia, Moda foi a minha

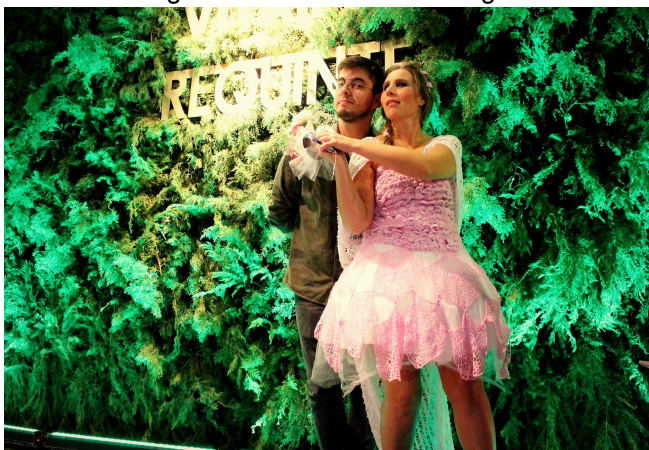
¹ Revistas com conteúdo fashion, informações e tendências de moda
<https://www.instagram.com/voguebrasil/>
<https://elle.com.br/>
<https://harpersbazaar.uol.com.br/>

última opção, apenas para completar as exigências do formulário de inscrição. Resultado, entrei no curso de Design de Moda com bolsa PROUNI (políticas públicas fazem parte desse percurso) de graduação em Caxias do Sul, no ano de 2012.

Então, começou a saga de trabalhar em mobiliário e usar a moda como referências para texturas e composição de espaço. Isso durou pouco, pois a montagem de coleções e entendendo melhor de onde vinham às tendências me fez querer encarar o contexto *fashion*, com a produção de vestuário. Resgatando a história da minha família com as duas avós costureiras, uma por obrigação e outra por identificação, mas as duas por necessidade, percebo hoje que estava entrando num lugar favorável, familiar.

Fui contratado para trabalhar em uma grife infantil, a já extinta marca 3eJá, foram quase três coleções criadas na base do desespero, mas aprendi muito sobre tecidos, modelagem, produção, costura, materiais, desenvolvimento e principalmente comportamento humano. “Fritando o pastel com pouca banha”, eu era o pastel, foi a frase de desculpas que escutei do meu chefe quando eu pedi demissão, mas a gente aprende (a vida é uma história) nem que seja com exemplos do que não fazer. Nas aulas da faculdade as produções temáticas eram as minhas favoritas, como por exemplo, dois especiais de noivas: um ensaio fotográfico de noivas com deficiência e, um desfile inspirado nos signos, no qual a noiva do signo de gêmeos entrava com uma espada na passarela, como uma Joana D’Arc casando de rosa.

Figura 1. Noiva Joana d’Arc geminiana.



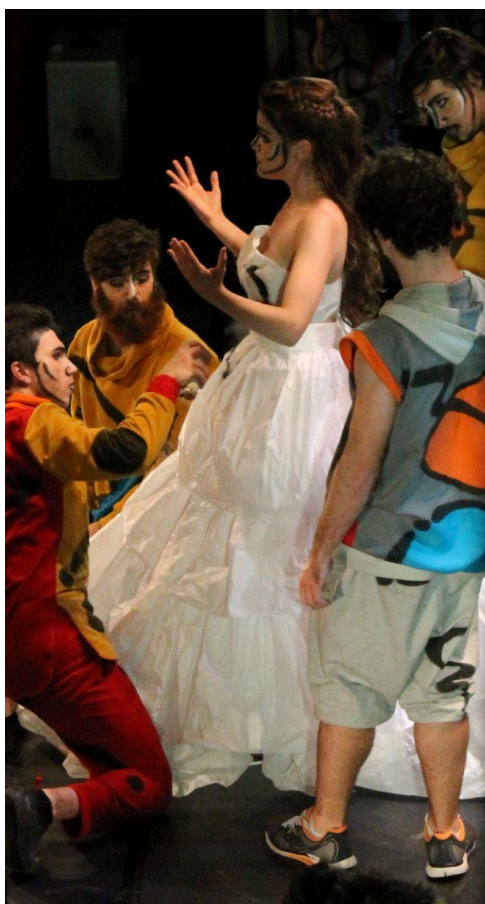
Fonte: Arquivo pessoal, 2014

Em 2015 fui aprovado para o curso de Licenciatura em Artes Visuais na UFRGS, o curso que eu sempre quis fazer, mas que por conta dos atravessamentos foi ficando de lado. Quando de fato ingressei, já com uma bagagem advinda de outros cursos, nos quais passei por alguns dilemas e decepções. Depois de ter passado pelo IFSul e pela FTec, a UFRGS e, especialmente o curso de Artes Visuais, não era bem o que eu imaginava. Mudei para Porto Alegre e fui aos poucos montando meu ateliê de costura², reformas e roupas sob medida. O que aparecia eu costurava, era o jeito de eu me manter até as coisas melhorarem financeiramente.

Desde a primeira cadeira na faculdade, a palavra de ordem era “desconstrução” e, para eu ter que desconstruir seis anos de informações, era ofensivo. Com o tempo fui entendendo essa desconstrução e me apropriando do que era apresentado, juntando a arte com o mobiliário e a moda. Em muitas cadeiras de ateliê era pedido que continuássemos com a produção, ou seja, cada aluno dava sequência a “pesquisa” que havia feito anteriormente. Isso me colocou em um limbo, pois eu não tinha nenhuma produção, tudo era muito avulso, eu não conseguia um fio condutor, até que em 2016 participei do projeto Ópera da UFRGS. Ao final da entrevista, para participar da equipe, a produtora escreveu “ÚTIL” ao lado do meu nome. Assim, entrei para o grupo de cenário e acabei desenvolvendo um vestido de papel, uma noiva violentada no palco, o vestido rasgado sobrando apenas um corpo nu. Depois disso, fui convidado para outra apresentação, mais uma ópera, mais uma peça de teatro. Para esta produção, fui indicado por amigos para desenvolver figurinos, acessórios, montagens, foram quase quatro anos de muito trabalho, trabalho este que mescla realizações artísticas e ocupações convencionais, afinal todos precisam de dinheiro e, de repente, veio a pandemia da COVID-19. Mesmo com a pandemia e com a interrupção na produção, recebi a indicação para o 10º prêmio “Olhares da Cena”, de melhor figurino pelo espetáculo de dança Frankenstein - GOMPA 2020. Entre projetos grandes e pequenos entendi que meu percurso começava a se desenhar com o figurino como repertório artístico, ele era a minha produção dentro das Artes Visuais.

Figura 2. Vestido de papel

² <https://www.instagram.com/galeria.costura.diferente/>



Fonte: Cena da Ópera encenada Missa no orfanato. Tempos de Solidão. Mozart. UFRGS. 2016. Acervo pessoal

Em Porto Alegre, também comecei a produzir roupas para religiões³ de matriz africana, a boa e velha roupa de batuque. Saias de armação, batas, saias rodadas e esvoaçantes, sempre com informações de moda e respeitando as regras de vestimenta, cores e modelos conforme os Orixás, basicamente um figurino. Eu sempre fiz isso, mas não via como identidade, via como serviço prestado.

Essa confusão me leva a pensar em casos da infância, quando observava personagens de Dragon Ball que lutavam e Sailor Moon trocava de roupas nos meus desenhos. Magali e Cebolinha, Pica-Pau vestido de mulher...

Figura 3. Pica Pau

³ <https://www.instagram.com/imperialaxos/>



Fonte: Extraído em <https://br.pinterest.com/pin/1054546068975770111/>. Data 16/02/2023

Figura 4. Sailor Moon



Fonte: Extraído em <https://br.pinterest.com/pin/498562621264344558/>. Data 16/02/2023.

Quando criança, minha fantasia de carnaval contava a história do sol e da lua, minha avó e minha mãe apesar de morarem lado a lado, não tinham um bom relacionamento e mesmo assim trabalhavam juntas com cola e glitter para minha roupa ficar pronta, retalhos, agulhas e linhas, crochê, lantejoulas e tricô,

nas horas vagas, o clássico pedal da máquina de costura servindo de volante.

Figura 5. Fantasia



Fonte: Arquivo pessoal

Já na escola (7º série), esse interesse foi posto em prática, minha primeira aparição no palco foi fazendo a personagem de um rio poluído. Papel celofane azul, lixo e vários peixes de papel, todos presos em um Renan de braços abertos no salão da escola. Foi muito divertido montar esse figurino no turno inverso da escola que, inclusive, tenho contato com as minhas colegas Fernanda e Suznen, que participaram da ação, até hoje. No ano seguinte, mais uma experiência teatral, uma releitura da “Escolinha do Professor Raimundo”⁴,

⁴ Programa produzido e transmitido pela televisão aberta brasileira entre os anos 70 e 90.

na qual representei a personagem Seu Saraiva e, também, fui o diretor da peça. Nesta encenação, no momento final, no qual se homenageava uma pessoa já falecida, resolvi, como diretor da peça, apelar para o sentimental e utilizei o bordão do “Que saudades” e apresentei uma foto do fundador da escola, O Padre José Herbst.

Hoje compreendo que estava tudo lá, o fio condutor da minha produção e o meu percurso. Eu, sempre muito tímido, preferia e prefiro estar no palco através das roupas que eu costuro. Essa timidez tem uma raiz profunda que mistura uma cidade pequena, o *bullying*, o não chamar atenção, o se fazer ausente... A emenda das linhas vai aparecer ao decorrer desse novelo que começa a ser desenredado. E, aos poucos, o desenho, o artesanato, trabalhos manuais, fantasias, glitter, móveis, moda, artes, bordados, produção de figurinos, bainhas e roupas em geral vão se encaixando na linha do tempo.

2 UMA AULA, UM PROFESSOR E UM JEANS VIAJANTE: um exemplo de como introduzir o assunto

Já passou muito tempo desde que a “calça jeans”, pensada com o intuito de ser uma vestimenta forte e resistente, que desse conta de acompanhar a vida dura de mineiros e trabalhadores do campo, se tornou na história da humanidade uma peça tão coringa e comum como ela e seu material são hoje. Segundo o Ibope (2023), a probabilidade de você estar usando uma calça jeans enquanto lê esse texto é de 46%.

Em 1792, quando surgiu, o tecido era grosseiro e chamado de tecido de Nimes, cidade do sul da França, ou Denim e a “calça jeans” chamava-se macacão de cintura. Depois de sair da Europa para a América e de passar pela mão do comerciante alemão Levi Strauss e do alfaiate Jon Davis (1851), ganhou zíper e metais nos cantos dos bolsos (rebites), tornando-se mais resistente ainda. Sendo muito vendida para garimpeiros da corrida do ouro. Nos anos 30 passou a ser usada por *cowboys* em filmes de Hollywood, mostrando ao público uma possibilidade estilosa para aquela roupa. Nos anos 70, os Híppies acrescentam cores e recortes à esta peça. Já nos anos 80, o Rock foi o grande usuário desse material. Mas foi dos anos 90 em diante o jeans deixou de ser um ícone de grupos específicos e a integrar a sociedade como peça *fashion* e versátil. Menos naquele *look* de casal tenebroso usado por Britney e Justin no AMA em 2001. Então, o tecido e, consecutivamente, a calça jeans, passou de uniforme do proletariado para figurino do *cowboys*, roupa de *hippies*, roqueiros, passarelas, para ser encontrada em lojas de *fast fashion* ou grandes grifes de moda. Apesar dos fatos históricos relacionados reportarem ao tipo de tecido, ou não tecido, como a calça da coleção de alta-costura, outono inverno, Valentino 2023/2024.

Figura 6. Jeans de miçangas

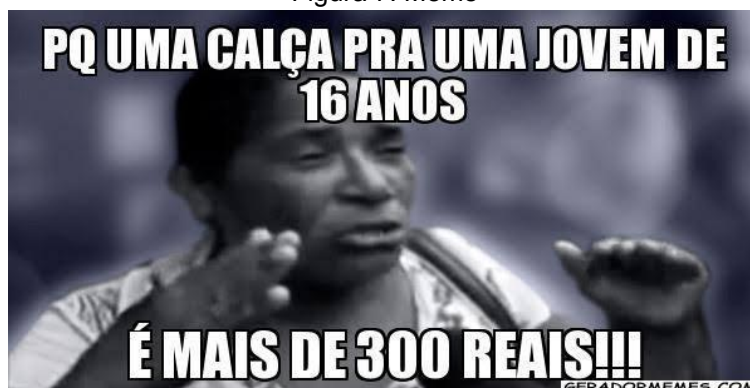


Fonte: Extraído em <http://www.blocdemoda.com/2023/07/valentino-fall-2023-couture-la-alta.html>. Data 30/11/2023

“...hoje, dizer ‘jeans’ é falar sobretudo no modelo, pois o tecido admite variações. A cor pode ser qualquer uma, inteiras, rasgadas - não há ninguém que não reconheça um jeans” (BRANCO, 2022, p.30-31). Este modelo traz um ar despojado e ao mesmo tempo sensual. Esta versatilidade faz com que esta peça seja utilizada por pessoas de diferentes culturas e meios sociais, ainda, em distintas situações, cotidianas ou formais.

Justamente para introduzir esse percurso de vestimentas, vamos passar por alguns fatos envolvendo roupas em alguns momentos na história da arte e da moda.

Figura 7. Meme



Fonte: Extraído em <https://twitter.com/pagalanxe/status/1077262171170574336>. Data 16/02/2023

Desde o início, do que entendemos hoje como vestimenta, 170 milhões de anos atrás, as roupas têm uma função específica, a de proteger o corpo das adversidades do mundo, ou seja, tinha uma finalidade funcional. Segundo Silva e Franco (s/data), ao citar Nery (2004, p. 9), “na era glacial, bem antes das primeiras civilizações da Mesopotâmia e do Egito, os habitantes da Europa foram obrigados a cobrir os corpos com peles por causa do frio”. Os autores ainda comentam que homens das cavernas usavam suas roupas de pele constantemente. Tendo em vista que a fiação e a tecelagem eram inexistentes, esses homens usavam de recursos extraídos na natureza, tais como tendões e ossos de animais, espinhos, pedras e outras fibras vegetais para prender suas roupas no corpo. Desta forma, pode-se entender com isso, que estas foram as primeiras evidências acerca da costura e produção de vestuário. A invenção do tear no período Neolítico possibilitou a fabricação, ainda rudimentar, de tecidos feitos com lã.

Figura 8. Öetzi



Fonte: Extraído em <http://tempodoshomens.blogspot.com/2011/03/vestuario-no-periodo-neolitico.html>. Data 30/11/2023

No antigo Egito, vestimentas especiais eram utilizadas para rituais fúnebres de múmias tanto dos sacerdotes quanto da própria múmia. Em outros, folhas e máscaras eram usados para maquiar o “ator” e dar vida aquela

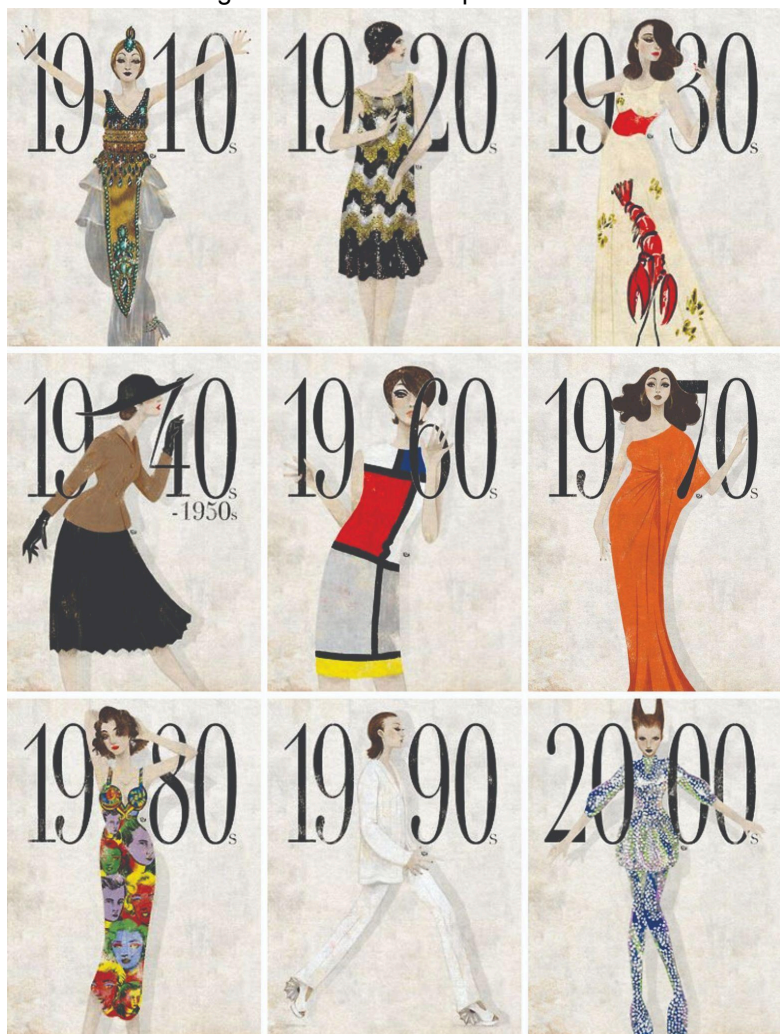
entidade que pode ser entendida como personagem. Mas foi na Grécia (século VI a. C.), que o figurino como representação teatral surge, principalmente com máscaras representando sentimentos e emoções com temas trágicos, cômicos e mitológicos. Eram produzidas utilizando de tecidos, togas, tangas e vestimentas cotidianas, com materiais como linho e couro, sempre com o intuito de mostrar, apresentar, evidenciar ou simplesmente, chamar a atenção.

É importante ressaltar que a moda, como conhecemos hoje, começou a ter validade apenas ao final da Idade Média. Paulo Gabriel Alves (2021) atenta que as mudanças no vestuário eram muito lentas, por exemplo no Japão, as roupas eram herdadas dos antepassados. O vestuário feminino chinês não sofreu nenhuma verdadeira modificação entre os séculos XVII e XIX, e nas civilizações gregas e romanas, as mudanças na moda foram motivadas por influências externas, como invasões, nas quais os vencedores impunham seus trajes aos derrotados.

Na Roma antiga, os tecidos eram envoltos ao corpo, eram bem parecidos para ambos os sexos, presos com broches e jóias. As cores e bordados também indicavam poder econômico, apontando a diferença entre as classes sociais. Na era medieval (séc v) a profissão de artesão era “bem valorizada”, as roupas eram modeladas e costuradas com atenção diretamente no corpo, ainda com referências na túnica romana, mas com tecidos refinados, importados da Índia e da China, linho, lã, algodão e a belíssima seda.

Na França, em 1780, foi criada a primeira escola de moda, com tabela de medidas, modelagens elaboradas e padronizações, diferenciação de gênero e sazonalização do vestuário. Na Itália, com a revolução têxtil, mais alguns tecidos foram incorporados nessa lista de materiais, o cetim, brocado e o veludo. Em 1845, a máquina de costura foi inventada por Isaac Merritt Singer. Esta invenção é questionada, pois há autores que sugerem que Singer fez uso de ideias do alfaiate francês Barthelemy Thimmonier para desenvolver o produto comercialmente. Em 1847, a fita métrica foi criada e, em 1850 a modelagem tridimensional (Moulage), na qual usa-se um manequim para fazer a produção. A primeira Semana de Moda ocorreu em 1858. Neste período as roupas eram volumosas, adornadas, chamadas de estilo imperial.

Figura 9. Linha do tempo da moda

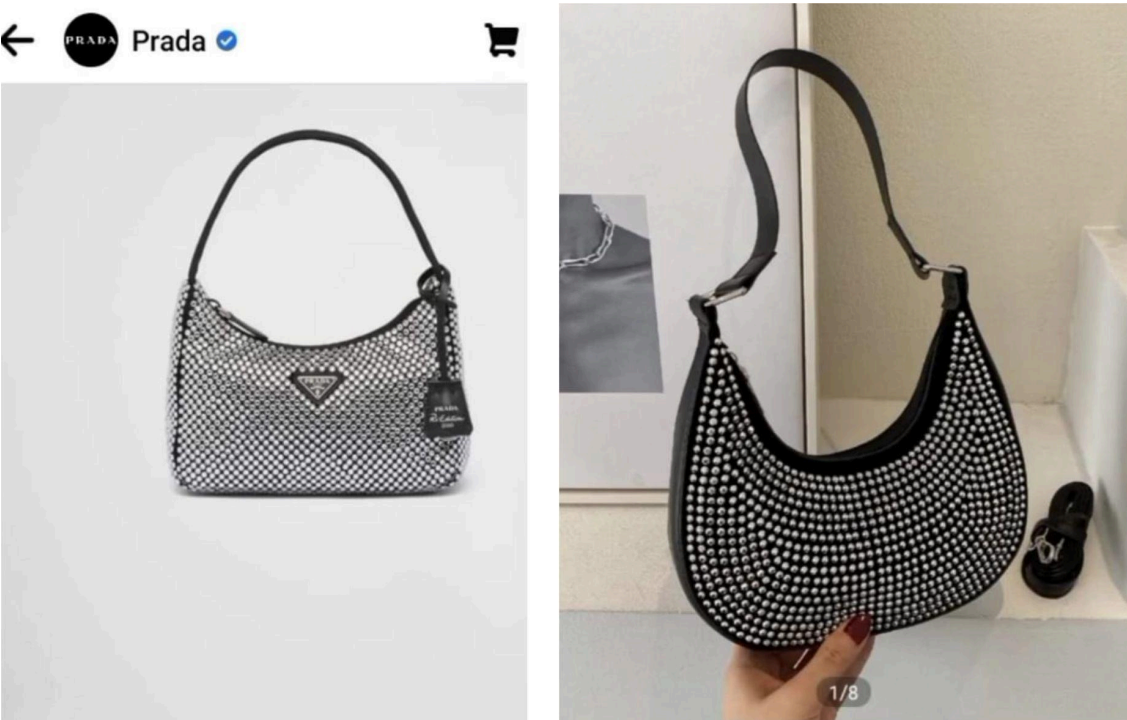


Fonte: Arquivo pessoal

Em um recorte atual, a moda dá opções de valor acessível para seus entusiastas, sendo por meio de brechós ou clubes de troca, ambos levantando a bandeira de moda sustentável. Por outro lado, o consumo descontrolado oportuniza a fabricação de peças semelhantes por um preço muito baixo, junto com isso toda a problemática de poluição e trabalhos análogos a escravidão são ignorados, ponto interessante a ser discutido, afinal o ser só precisa parecer.

⁵ Montagem a partir de imagens extraídas em: <https://br.pinterest.com/pin/648870258832107421/>; <https://br.pinterest.com/pin/566257353161325327/>; <https://br.pinterest.com/pin/885661082946449268/>; <https://br.pinterest.com/pin/839428818064724524/>; <https://br.pinterest.com/pin/437271445082647959/>; <https://br.pinterest.com/pin/804314814713226309/>; <https://br.pinterest.com/pin/845410161316117731/>; <https://br.pinterest.com/pin/845410161316117727/>; <https://br.pinterest.com/pin/885661082946449263/>. Acesso em 09 mar 2023.

Figura 10. Comparação de valores



The image shows a side-by-side comparison of two handbags. On the left is a Prada bag, and on the right is a Shein bag. Both are black with a dense covering of small, clear, faceted crystals. The Prada bag is a structured, hobo-style bag with a top handle and a small Prada logo on the front. The Shein bag is a more relaxed, hobo-style bag with a long, adjustable strap and a large, curved shape. The background of the Prada image is a plain, light color, while the Shein image shows the bag being held in a person's hand against a light-colored wall.

Prada Prada

Bolsa mini em cetim com cristais artificiais

R\$ 13.500 · Esgotado

Ajustável Strass Simples Elegante Bolsa de ombro

R\$49,90

6x de R\$8,32 sem juros **SHEIN**

★★★★★ (71)

Fonte: Extraído em https://www.tiktok.com/@jsl_43?_t=8hnLtlFbWJa&_r=1. Data 30/11/2023

3 COSTURANDO OS PEDAÇOS DO MÉDICO NO MONSTRO: um frankenstein de possibilidades

Figura 11. Figurino do espetáculo de dança Frankenstein



Fonte: Frankenstein Projeto Gompa. Fotografia: Cláudio Etges. Data: 11/10/2019.

“Cidades da América Latina são uma fonte rica de cadáveres.”
(Espetáculo de dança Frankenstein, 2019)

Nosso tempo, sem dúvida... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... O que é sagrado para ele, não passa de ilusão, pois a verdade está no profano. Ou seja, à medida que decresce a verdade a ilusão aumenta, e o sagrado cresce a seus olhos de forma que o cúmulo da ilusão é também o cúmulo do sagrado.

(Feuerbach — Prefácio à segunda edição de A Essência do Cristianismo) DEBORD, 1997, p. 13)

Para Debord (1997), vivemos em uma “sociedade do espetáculo”, na qual a aparência tem maior valor nas relações sociais. A imagem que cada

indivíduo produz de si, de seu modo de vida, para transmitir por onde circula ganha status de realidade. Desta forma, podemos pensar que vivemos em constante performance em cada contexto no qual existimos. E em cada um deles assumimos papéis distintos que exigem imagens distintas.

Olhando para esta sociedade contemporânea, principalmente para os adolescentes e adultos, alguns questionamentos são recorrentes, em especial sobre qual modo de vestir melhor se encaixa à roupa que usamos para performar na escola e no trabalho, com grupos diversos de amigos, no palco ou em frente às câmeras? Qual roupa devemos vestir, para interpretar o papel de professor ou aluno, de ator, de amigo ouvinte ou de quem acordou atrasado ou de mau humor? Qual roupa você usaria para interpretar um ator que é professor e ensina como é representar um feiticeiro com os poderes da Mística, (X-Men), disfarçado de médico depois de um plantão na UPA⁶ em Viamão?

Nossa personalidade assume comportamentos singulares diante de contextos diferentes e todas essas situações exigem de nós comportamentos variados e personalidades distintas, todas elas baseadas na persona que somos quando não estamos performando para alguém. Alguns chamam de “eu interior”, outros de “eu mesmo” alguns de consciência. Nas religiões de matriz africana, se chama “Ori”, que vem do iorubá, literalmente significando cabeça, mas no contexto quer dizer – A essência real do ser.

Hall (2005) alerta que o sujeito pós-moderno não apresenta uma identidade fixa, ela constitui uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (p.13). Um exemplo bem clássico de mudança de comportamento na atuação cotidiana é falar ao telefone. É cada vez mais raro alguém “falar” ao telefone, mas, reparamos que o tom da voz, as palavras e até o “jeito de falar” mudam, as palavras são ditas mais claramente, as informações são classificadas por ordem de importância, “Diga seu nome e a cidade de onde está falando”. Ao telefone, tudo é mais formal, se compararmos às conversas frente a frente. Outro exemplo, mais contemporâneo, são os *Stories*. Geralmente quem grava esse tipo de vídeo

⁶ Unidade de pronto atendimento (UPA 24h).

assume um vocabulário mais espontâneo, “jovem”, alguns gritam, inclusive. Ou seja, assumem comportamentos diferentes em frente às câmeras e na produção que será compartilhada. Podemos dizer que estamos em atuação, como se estivéssemos num palco? São situações em que estamos “atuando” sem estar no palco, efetivamente. Em exposição sim, nem que seja para apenas um espectador. Novaes (2005) aponta, concordando com Debord (1997), que as culturas contemporâneas têm se tornado um grande espetáculo no qual a imagem projetada é mais importante e significativa do que o próprio ser.

[...] o espetáculo tornou-se sinônimo de cultura, o centro de significação de uma sociedade sem significação, ideologia materializada sobre a vida dos homens: depois de ter alienado os homens ao transformar seu ‘ser’ em ‘ter’, o espetáculo promove a passagem e a degradação do ‘ter’ em ‘parecer’ (NOVAES, 2005, p.9).

Figura 12. Registro das oficinas de customização no Centro de Promoção da Criança e Adolescente (CPCA) Lomba do Pinheiro, Porto Alegre



Fonte:Arquivo pessoal. Data 2021

Volto às questões iniciais. Afinal, a imagem que criamos de nós mesmos está, também, relacionada ao modo de vestir. A vestimenta diz da nossa identidade pessoal? Qual roupa usar em cada situação cotidiana? Como devemos nos vestir? Ou, como denominamos aquilo que vestimos? Há diferença na denominação daquilo que vestimos em distintas situações do dia a dia? Quais os termos estão relacionados ao modo de vestir e seus espaços de atuação? Olhar no dicionário⁷ as terminologias relacionadas ao vestuário, nos ajuda a compreender quais termos e o que cada um deles significa.

No contexto dos modos de vestir, quando falamos de teatro ou cinema, o termo mais comum usado é **figurino**, em algumas ocasiões é usado traje de cena, mas por experiência própria, quando a situação começa a ficar difícil o diretor grita: "Cadê a **roupa** do Fulano?". Já, quando vamos para a escola, colocamos uma **roupa**, à primeira vista, sem contexto, uma roupa qualquer, banalizada. Essas peças, mesmo tendo sido criadas e pensadas por estilistas e estudiosos de moda, mesmo tendo vindo de segunda mão, ou ganhadas de presente, são carregadas de muita informação, mesmo sem receber o devido valor.

Esta 'coisa'? Ah, entendi. Você acha que isso não tem nada a ver com você. Você abre o seu guarda roupa e pega, sei lá, um suéter azul todo embolado porque você é séria demais para se preocupar com o que vestir. Mas o que você não sabe é que esse suéter não é somente azul, não é turquesa, é "celeste". E você também é cega para o fato de que em 2002 Oscar de La Renta fez uma coleção com vestidos somente nesse tom. E eu acho que foi Yves Saint Laurent, não foi? Que criou jaquetas militares em celeste. Eu acho que precisamos de uma jaqueta aqui. E o celeste começou a aparecer nas coleções de muitos estilistas. E logo chegou às lojas de departamentos. E acabou como um item de liquidação nessas lojinhas de beira de esquina. E foi assim que chegou a você. E sem dúvida esse azul representa milhões de dólares em incontáveis empregos. E é meio engraçado como você acha que fez uma escolha que te exclui da indústria da moda, quando, na verdade, você está usando um suéter que foi selecionado para você pelas pessoas nesta sala entre uma pilha de 'coisas' (Diálogo entre Andrea e Miranda em O Diabo Veste Prada 2006)⁸

Indumentária e vestuário, são termos mais acadêmicos, eles geralmente aparecem em textos como este, como sinônimos de roupas ou figurino, com uma leve diferença para a indumentária que sugere carga

⁷ www.dicio.com.br

⁸ Transcrição do autor

temporal histórica, (se bem que tudo que vestimos tem carga temporal histórica). **Traje**, já tem uma aplicação comum em roupas de festa, ou cerimônias. Também como indicação de contexto de vestir, traje de gala, esporte fino, *black tie*, à passeio, a rigor, social...

Então o assunto entra em um looping, por exemplo. Em um casamento encenado em uma peça de teatro, os noivos estão usando um traje ou um figurino? A indumentária de um casamento real carrega tradições de épocas distantes e coloca os noivos em foco, transformando a cerimônia em cena. Levando a acreditar que a noiva só vai usar aquele vestido branco uma vez na vida. Assim, a ocasião pede mais atenção ao figurino.

Esse ciclo de nomenclaturas sugere um pensamento mais aprofundado das representações humanas na sociedade. Eu estou aqui para fazer o quê? Dizer o quê? Representar o quê? Vestindo o quê? E, principalmente, onde e quando? Sim, afinal, as pessoas vestem determinadas peças para determinados locais e horários. Cada momento, situação e lugar requer um modo de se apresentar, de se vestir. Isso exige, ainda, de cada pessoa um modo de comportamento distinto, levando as pessoas a ocuparem identidades específicas. Aspectos que estão de acordo com os hibridismos nas culturas e identidades, que vêm ocorrendo nas sociedades, apontados por Hall (2005). Todos os questionamentos feitos acima, também se encaixam no existir de um professor, um docente inseguro, nu e cru, que pode ou não ter anos de experiência.

Hoje com o advento das tecnologias da comunicação, a imagem fotográfica tem sido o meio pelo qual muitas pessoas têm performado para o mundo. A figura de si no espaço virtual tem ganhado uma dimensão imensurável. Debord (1997), quando fala da imagem, não se refere a imagem fotográfica, mas a imagem real de si. Contudo, a imagem fotográfica tem ganhado status de real. Nos últimos anos as pessoas passaram a criar imagens para representar a própria vida e, em muitos casos, sua vida passa a ser a produção de imagens de si, para o seu compartilhamento social em espaços virtuais.

Figura 13. Isso não é um cachimbo. René Magritte



Fonte: Extraído em <https://br.pinterest.com/pin/89509111338306687/>. Data: 22/06/2023.

Assim, hoje, estar e pertencer a um grupo de indivíduos não se restringe apenas a vida social ao vivo, podemos estar em vários lugares ao mesmo tempo (usando o clichê) sem sair de casa. O acesso a internet, mas principalmente as redes sociais, nos permitem pertencer a várias “bolhas” sendo a mesma pessoa com personalidades diferentes. LGBTQIAP+ sabem muito bem o que é ser alguém que não se é apenas para ser alguma coisa. Mais ou menos como ocorre no filme Barbie (2023), onde cada boneca é uma versão dela mesma, ou em alguns episódios de “The Big Bang Theory” nos quais Sheldon Cooper convoca o conselho dos Sheldon's para tomar decisões importantes, materializando assim as suas personalidades. O filme “Tudo em todo o lugar ao mesmo tempo”, ganhador do Oscar de melhor filme em 2023, faz uma relação metafórica sobre multiverso e abas abertas de um navegador na internet, como diz o influencer @miguellokia no vídeo, “muito mais do que parece” que na data de 22/03/2023 está com 82,6 mil *plays*. Nesse contexto, além de tentar dar conta de algumas personas materiais, ainda temos que levar em consideração, perfis *online*, Instagram, Facebook, Twitter, TikTok, Blogs, Sites, Avatares, Metaverso, Catfishs, Faceapp... Várias e várias ferramentas para manipulação podendo serem usadas na aparência do usuário ou até mesmo modificando rostos, vozes e todo o resto. Então, a ciberversão de um indivíduo também pode ser considerada um figurino?

Figura 14. Essa Roupa não existe



Fonte: Extraído em <https://jornalmare.com.br/influencers/essa-roupa-nao-existe/>. Data 22/03/2023.

Figura 15. Loewe, desfile de primavera 2023



Fonte: Extraído em <https://www.gizmodo.com.au/2022/10/loewes-metaverse-fashion-works-irl/>. Data 22/03/2023.

Figura 16. Imagens feitas em IA do Papa Francisco



Fonte: Extraído em

<https://www.techtudo.com.br/listas/2023/03/papa-francisco-de-jaqueta-viraliza-5-fotos-de-ia-que-geraram-confusao-edsoftwares.ghtml>. Acesso em 29 mar. 2023.

As máscaras gregas já faziam esse trabalho nas peças teatrais, a diferença é que o espectador sabia que por trás da máscara havia um indivíduo, mas com os avanços tecnológicos, robôs e hologramas tomam lugares humanos e fazem isso com naturalidade e perfeição. É cada vez mais difícil ser e estar, de fato, em algum lugar em tempo real. Um Beijo MagaLu⁹!

Assim, entendendo que cada espaço e situação requer um modo de vestir, e que a vida pode ser um espetáculo constante e, ainda, que estamos, permanentemente nos “palcos” . Quais os figurinos são escolhidos e, porquê, para criar a imagem de si pelos adolescentes? Há uma consciência sobre a significação do modo de vestir e o entendimento de si e do outro?

Quando comecei a fazer entrevistas de emprego, um ponto fundamental era a roupa que seria usada. Claro que teria que usar uma camisa, se a temperatura estivesse baixa um blazer, calça social ou calça jeans básica, mas o que não tinha negociação eram os calçados, sempre deveria ser sapatos.

⁹ Garota propagando da loja de Departamentos Magazine Luiza

Aponto isso influenciado por uma geração de pais que davam muito valor para um trabalho de carteira assinada e que usava uma vestimenta “adequada” para isso. Já fiz entrevistas de emprego com pessoas que iam de terno e gravata, pra mim parecia muito forçado o uso desses trajes, eu e nenhuma das pessoas iria continuar se vestindo desse jeito no dia a dia. Tenho certeza que muitas dessas oportunidades foram perdidas por eu estar usando aquele “uniforme de entrevistas”. Depois de um tempo fui entendendo que dependendo da vaga, era permitido ousar no figurino, blazer com camiseta, calça jeans, tênis All Star. Eu ainda estaria “arrumado” mas com personalidade, tudo isso dependendo do tipo da vaga pretendida, meu eu corporativo estava presente, a intenção era que eu fosse lembrado, mas não pelo excesso. Símbolos e cores também eram minhas estratégias, na entrevista para projetista de móveis, da Dell Anno¹⁰, na primeira etapa de seleção, usei jeans e camisa, na segunda etapa, usei camiseta preta com desenho discreto e blazer. Em outra seleção para um ateliê de roupas de festa, usei blusão de lã preta, manta cinza bem volumosa e tênis. No primeiro quis dizer, sou novo aqui e preciso de um emprego, no segundo, sou jovem mas sei o que estou fazendo, no terceiro um look monocromático. Dependendo da ocasião, uma apresentação diferente, submissa muitas vezes. Mas a informação de moda estava lá. Quando se trata de um *Casting* para modelos as dicas sempre são: Camiseta preta, branca ou cinza, calça jeans básica, cabelo limpo seco e solto, sem maquiagem ou acessórios. O intuito dessa neutralidade toda é aplicar o que a marca quer e usar o modelo como base. Numa entrevista de emprego o contratante quer usar o contratado para fazer um serviço. Na vida, nossa personalidade nua se veste de oportunidades. Caso eu esteja atuando precise de atitudes e criatividade, minhas roupas certamente vão expor essas ideias. Se eu precisar impor respeito, um terno cairia bem. Se no momento quero mostrar que está tudo limpo e seguro, nada melhor que um jaleco branco. É claro que essas são percepções bem frias e genéricas, a roupa que eu visto não dita o meu comportamento, mas é uma ferramenta poderosa.

Na sociedade patriarcal em que vivemos, uma calça impõe mais respeito que uma saia. Talvez seja por isso que na posse presidencial brasileira, em

¹⁰ Empresa de Móveis planejados.

2023, a primeira dama, uma pessoa ativa em projetos sociais e causas relevantes, tenha escolhido não usar vestido. O terno usado por Janja¹¹, em 1º de janeiro de 2023, trouxe muitos significados para a cerimônia, essa foi a intenção das estilistas Helô Rocha e Camila Pedroza. O uso de tecido de reaproveitamento, bordados de fio de palha, feitos à mão por bordadeiras de uma cooperativa de Timbaúba simbolizava a cultura brasileira de mulheres que não fogem à luta. Muito da inspiração veio diretamente da personalidade de Janja que diz: “Sou deste jeito: muito expansiva. Converso, canto, danço sozinha em casa. Não vou ser diferente porque tenho que ser a mulher certinha do presidente da República. Tenho uma história de vida que me dá condições para discutir algumas coisas”¹². Assim, tenta mostrar que não será uma primeira dama decorativa. Nesta situação, havia uma intencionalidade acerca da identidade desta Primeira Dama, que começava a ser criada ali, naquela ocasião, no dia da posse.

Figura 17. Croqui do traje da primeira dama



Fonte: Extraído em

<https://www.poder360.com.br/brasil/veja-detalhes-da-roupa-que-janja-usou-na-posse/>. Acesso em 29 mar. 2023.

¹¹ Esposa do presidente brasileiro.

¹² Extraído em

<https://www.poder360.com.br/brasil/veja-detalhes-da-roupa-que-janja-usou-na-posse/>. Acesso em 29 mar. 2023.

Figura 18. Detalhes do bordado



Fonte: Extraído em <https://www.poder360.com.br/brasil/veja-detahes-da-roupa-que-janja-usou-na-posse/>. Acesso em 29 mar. 2023.

Na mesma ocasião, no contexto masculino da cerimônia de posse, o presidente e o vice mantiveram o protocolo, usaram terno preto básico, normal e “sem graça”, cada um apenas mudando a cor da gravata, Luiz Inácio Lula da Silva¹³ com gravata azul, Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho¹⁴ com gravata vermelha. À primeira vista nada de anormal, mas o pequeno detalhe das cores da gravata simboliza uma aliança entre os partidos. Mais uma vez, o modo de vestir traz significações que marcam uma identidade de governo que começava a se construir.

Outro exemplo de situação cotidiana em nossa sociedade, num contexto

¹³ Luiz Inácio Lula da Silva, nascido Luiz Inácio da Silva, mais conhecido como Lula, é um ex-metalúrgico, ex-sindicalista e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores. É o 39.º presidente do Brasil desde 2023, além de ter sido o 35.º presidente da República entre 2003 e 2011.

¹⁴ Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho é um médico, professor e político brasileiro. Filiado ao Partido Socialista Brasileiro, é o 26.º vice-presidente do Brasil e, cumulativamente, ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços desde 1.º de janeiro de 2023.

bem heteronormativo, é no final de um jogo de futebol, quando os jogadores de times opostos se presenteiam com as camisetas usadas na partida. O que querem dizer com esta ação? Qual entendimento, sobre a troca de camisas, querem transmitir os jogadores aos seus torcedores? Uma professora que dá uma aula sobre tecidos culturais e suas relações, vem e traz estampas nas suas roupas, se for uma aula sobre Chanel, o matelassê é bem vindo, padronagem e arte Yayoi Kusama precisa ser citada, o contexto visual vestível também faz parte da educação. Podemos também ver isso no Capítulo dos Chapéus de Machado de Assis (1883) e no Filme Orlando - A Mulher Imortal (1992). A roupa, o vestuário, o figurino, mais uma vez, falando sem dizer nada.

Olhando diretamente para adolescentes, bem naquela época onde o corpo começa a mudar, os hormônios entram em fúria e decisões importantes são tomadas. O conforto emocional é bastante procurado como refúgio, e mesmo a temperatura no planeta terra ficando cada vez mais elevada (e a indústria da moda participa ativamente para que isso aconteça) o uso do moletom ganha destaque. “Moletoms fornecem mais do que apenas conforto físico; eles também administram conforto emocional, semelhante ao de um cobertor pesado”(Ian Lecklitner). A sensação de ter o corpo abraçado não se compara ao desconforto causado pelas altas temperaturas, indicando, talvez, uma evolução da espécie humana.

4 O PROFESSOR NO LABIRINTO DE CRETA: um mapa que não serve pra quase nada

Figura 19. Figurino produzido pelo autor para defesa de TCC em Licenciatura em Teatro de Giliard Barbosa.



Fonte: Minus, peças de um quebra-cabeças. Arquivo pessoal. Data 27/11/2023

“Professores também erram. O tempo todo.”
(Giliard Barbosa)

Em uma conversa nas aulas em que eu observava, durante meu estágio de docência, uma das alunas discursava sobre ela não parecer hétero.

aluna: “Eu posso até não ter cara de lésbica, mas que eu não pareço hétero, eu não pareço!”
professora: “E as pessoas “têm cara” de alguma coisa?”

Após este pequeno diálogo, alguns sins e nãoos foram respondidos pelos alunos. Esta situação me fez lembrar da minha época de escola, onde não era questionado se as pessoas eram héteros, mas sim se seriam gays ou lésbicas. Isso ocorreu por volta dos anos 2000, período que engloba anos carregados de preconceitos LGBTfóbicos, derivado do avanço da AIDS. Neste recorte específico de turma e contexto escolar em que eu observei e, principalmente, a partir da minha “bolha” com o foco nas personalidades e figurinos, é “feio” ser hétero, é sem graça e fora de moda. Isso pode ser relacionado às vestimentas brancas das crianças no século (séc. XVIII), depois a passagem do rosa para os meninos fazendo referência ao vermelho viril dos homens e o azul delicado ligado as meninas, e mais a frente no (séc XX) com a interferência do capitalismo juntamente com o marketing de essa divisão de “meninos vestem azul e meninas vestem rosa”, um abraço Damares¹⁵. Isso também aconteceu com os sapatos de salto e bico fino, as calças (Chanel) e *smokings* (Saint Laurent), o jeans... Atualmente, com as discussões de gênero e ocupação de lugares e a tentativa de deslegitimação de corpos trans e *Queers*, como por exemplo a Deputada Erika Hilton¹⁶, o ex senador Jean Wyllys¹⁷ e a pesquisadora e Drag Queen Rita von Hunt¹⁸ (que ganhou destaque com seus vídeos no Youtube), que trazem em suas falas e corpos muita pesquisa, luta e saberes que buscam igualdade e respeito.

Movido por estas reflexões e pensando nas oportunidades de expor ao cotidiano personalidades de si guardadas, desenvolvi um projeto de ensino para o estágio de docência o qual propunha uma integração entre arte e moda. Tal projeto também buscou responder uma das questões disparadoras deste trabalho: Como é possível integrar arte e moda na escola?

¹⁵ Damares Alves, ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos (2019). Diz em vídeo publicado nas redes sociais, no dia 2 de Janeiro de 2019 a frase “É uma nova era no Brasil. Menino veste azul e menina veste rosa!”.

¹⁶ Erika Santos Silva, mais conhecida como Erika Hilton (Franco da Rocha, 9 de dezembro de 1992), é uma política, ativista e modelo brasileira. Identificando-se como travesti, Hilton é filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e atua nas causas voltadas aos direitos das pessoas negras e LGBTI.

¹⁷ Jean Wyllys de Matos Santos é um jornalista, professor universitário e político brasileiro. Filiado ao Partido dos Trabalhadores, é ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro.

¹⁸ Guilherme Terreri Lima Pereira, mais conhecido pelo nome artístico Rita von Hunty, é um professor, ator, YouTuber, comediante, palestrante e drag queen brasileiro. Em dezembro de 2021, somando todas as suas redes, Rita chega a quase 2 milhões de seguidores.

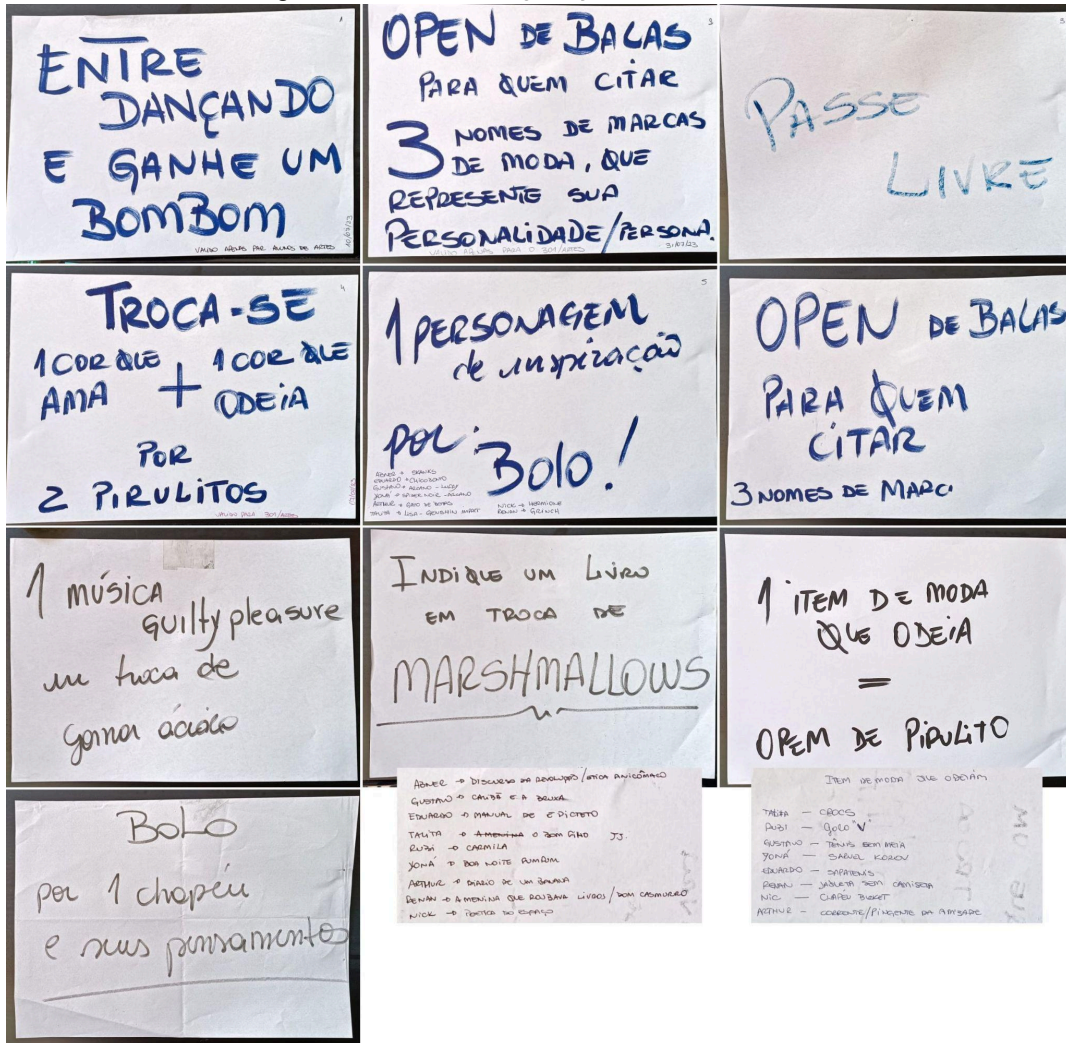
Para localizar a experiência, considero interessante apresentar alguns dados do contexto de realização do projeto. A turma na qual a proposta foi realizada corresponde ao 3º ano do Ensino Médio, do Colégio de Aplicação (CAp) da UFRGS e era composta por sete alunos com idade entre 15 e 18 anos. A turma era bem diversificada e tinham interesses bem distintos, fazendo com que ficassem distantes na maioria do tempo na escola, mas com um senso de comunidade parecia ser bem estabelecido, pelo menos nas aulas de arte. O CAp tem um modo de organização e estratégias de ensino diferente de outras escolas, em especial no condiz ao Ensino Médio. Nas aulas de arte, o aluno desenvolve seus trabalhos individuais de acordo com as suas áreas de interesse relacionados aos conteúdos do currículo escolar. Tendo em conta que o estágio de docência ocorreu entre junho e setembro de 2023, a instigação de “gostos artísticos” e características pessoais, já estava em andamento naquele grupo. Desenho digital, criação de personagens, figura humana, perspectiva e lettering eram assuntos recorrentes.

O projeto de ensino proposto por mim, que abordou arte e moda, começou com a apresentação do meu trabalho como figurinista, seguindo de outros assuntos como: estudo de cor, plágio, uniformização, marcas, entre outros assuntos que relacionam arte e moda.

Desde o início fui bem sincero com a turma, com falas diretas como: “Meu tempo aqui é curto”; “Vocês fazem parte do meu TCC”; “Preciso da colaboração de todos”. E desde o início fizemos acordos de sempre falar a verdade e sermos diretos em relação aos conteúdos e assuntos tratados em aula. Foi a forma com a qual eu me senti mais seguro de passar por essa etapa, expondo as minhas fraquezas e negociando proposições.

Todas as aulas começavam com uma negociação, vocês me entregam uma resposta à solicitação e eu recompensava com alguma coisa. E no último dia com a entrega do trabalho final eu trago um bolo para comemorar o término do projeto coletivamente. Tenho claro que esse tipo de comportamento e acordo só foi possível, com a colaboração e autorização da professoras orientadora e supervisora do estágio de docência. E, também que em um contexto escolar anual, com várias turmas, esse tipo de negociação seria impossível.

Figura 20. Placas de negociação, para iniciar a aula.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nos primeiros encontros, meu objetivo era saber qual o nível de envolvimento e conhecimento dos alunos com a ideia de moda, quais as referências, opiniões ou críticas relacionadas ao tema. Fui captando, no grupo, que o entendimento de que moda seria uma futilidade, uma bobagem, era unânime, e que qualquer roupa servia para qualquer coisa. O assunto moda também era voltado para as “roupas estranhas na passarela”. O que observei é que não existia um cuidado entre vestir e parecer. A construção de identidade vestível ainda não tinha chegado ao *trending topic* das fases de vida deles. Uma mesma roupa poderia ser usada para ir em uma entrevista de emprego, ao mercado ou a um casamento. E elas podem, mas talvez não seja de bom tom.

Apesar desta concepção acerca da moda, percebi que algumas

questões relacionadas ao modo de vestir circundam o grupo, para além da futilidade. Como por exemplo quando o assunto uniforme apareceu. A pergunta disparadora foi: O que vocês acham sobre o uso de uniformes nas escolas? As respostas padrão sobre organização e igualitariedade foram jogadas na mesa, o discurso machista sobre vulgaridade também foi levantado ao apontarem que corpos femininos não podem ser cobertos para apaziguar o comportamento dos meninos e que shorts muito curtos não são para serem usados na escola, isso para ambos os sexos. O tópico sobre o uso de *shorts* nas escolas ampliou a discussão para o assédio cometido por um motorista de transporte de aplicativo com a justificativa que a passageira estava usando um “short tipo Anitta”¹⁹. O que levou a um ponto importante de virada de chave no comportamento de gênero.

As gurias não podem usar shorts curto, porque os guris não para de olhar e se comportar como uns tarados, mas ninguém tá falando sobre os guris usar calça de moletom com o pau marcando! (aluno 3)

Esse debate me fez perceber a animosidade adolescente falando, mas falando num assunto ignorado pelo cotidiano patriarcal. A “identidade homem” está (aos poucos) sendo questionada, pois quem fez a observação foi um aluno, comportamentalmente hétero usando uma calça de moletom, com o pênis marcando, se colocando num lugar de “agressor” que entende e respeita o seu e os demais corpos livres.

Com essas e mais outras discussões acaloradas sobre vestimentas, conseguimos montar uma pequena (bem pequena) base crítica sobre o assunto. Partimos, eu e os alunos, para o debate sobre marca e valor agregado, com os Hijabs²⁰ da Nike; a identidade com as listras da Adidas; e a cor com o rosa da Barbie. Tudo isso mobilizou debates sobre a ligação da moda na arquitetura, na culinária, no design, na passarela e nos museus. Ainda, os símbolos de cores e identidades aplicadas em personagens de quadrinhos e animes, figurinos e estereótipos que contam a história pela forma e pela cor sem o personagem apresentar a sua real identidade.

¹⁹ Shorts curtos, com rasgos e aplicações, geralmente em tecido jeans, muito usado como figurino de shows pela cantora Anitta.

²⁰ Véu que cobre os cabelos e o corpo das mulheres muçulmanas.

Tais estudos levaram à proposta final, que constituiu na criação de um chapéu que revelasse um traço da sua personalidade que geralmente não é exposta ou que se limite a algum avatar performático. Para isso, houve o desenvolvimento de projeto a partir de desenhos e referências artísticas iniciadas juntamente com questões desafiadoras e resgatadas desde a primeira aula.

Figura 21. Processo da fabricação do chapéu



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 22. Processo da fabricação do chapéu



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 23. Processo da fabricação do chapéu



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 24. Processo da fabricação do chapéu



Fonte: Arquivo pessoal.

A finalização dos chapéus levou algumas aulas e, ao longo delas, eu fui sempre lembrado, pelos alunos, do nosso acordo e essa relação de “cobrança” deixava os lados professor X aluno equilibrados, pois como disse anteriormente, eu precisava da colaboração deles e eles queriam o bolo e a comemoração.

O dia do bolo

Figura 25. O Bolo



Fonte: Arquivo pessoal.

Quando se trata de alunos, devemos saber que deixar algumas coisas pra última hora é regra, tenho conhecimento de causa. A última aula foi para finalizar, apresentar e concluir os trabalhos, incluindo o meu, como estagiário. Os chapéus foram apresentados com e sem alteração de projetos. Todos, de alguma forma, entregaram as atividades e, principalmente, colaboraram com a minha pesquisa. Foi realizador, para mim, participar de parte do último ano do Ensino Médio deles, ano de escolhas importantes, onde ser professor de artes passou a ser opção, de acordo com um aluno. Não surpreendentemente tirei um peso das minhas costas, pois apesar da moda parecer ser algo fútil, o ato de vestir tinha significados para a sociedade e, de certo modo, eles tinham

conhecimento sobre o assunto, mesmo sem se dar conta. Aprendi com essa turma que o assunto muda, mas os polos são os mesmos. Como professor, eu apenas liguei o carro e disse a data de chegada ao destino, mas quem fez o roteiro da viagem foram eles. O bolo ganhou nota 10.

ALINHAVOS FINAIS

Figura 26. Figurino produzido pelo autor para personagem “A razão”. Dilema, projeto TocArte



Fonte: Arquivo pessoal. Data: 2020

Durante todo o meu percurso escolar, sempre me senti excluído, queria não frequentar aquele lugar, o conteúdo era, e poderia dizer que ainda é, fora do interesse da maioria daqueles que estão na escola, servindo como peneira e não como bagagem. O estar na escola para aprender coisas que não são

aplicáveis na vida causava uma vontade enorme de desistência. No meu último ano do Ensino Médio, o sentimento mudou, percebi que eu gostava daquele clima escolar, hoje entendo esse sentimento como, medo do fim do ciclo. Lembro com carinho da professora de filosofia, a Sra. Wonka, que indicou um livro com um spoiler, “A Sofia não existe!”, foi o disparador para querer me fazer ler a história. Ela dizia que, não interessava se a gente sabia o final, o divertido era descobrir como foi que aconteceu. Descobrir as várias verdades, desconfiar do óbvio, estar disposto a não estar preparado. E é exatamente assim que me sinto nesse início de fim.

Não estar pronto para ser professor é a minha bengala para ser. Estar em uma posição de sabedor de conteúdos não me coloca medo. Responder para um aluno que eu não sei, iguala as nossas inseguranças, assim podemos seguir com medo, mas juntos. A fragilidade, seja ela emocional ou masculina, assegura um senso de coletividade. No PodCast Acessíveis²¹ (episódio 9 - a partir do min 55) Rita Von Hunty, Titi Müller e Mari Moon, resgatam a situação de vulnerabilidade da cantora Anitta e da repórter Gabi Priolli, em live ocorrida em 2020, se colocando na relação de aluno e professor, ambas famosas, se expondo, frágeis e dispostas. É aquele velho ditado, nós professores também aprendemos com vocês alunos. Várias vezes (em sala de aula) trouxe informações que eu não lembrava qual a referência correta, chamo isso de *fake news* ou de fofoca acadêmica, mas procurava exemplos e fontes para próxima aula, ou mandava no grupo do Whatsapp. Mas o que eu mais gostava era, explicar todo um conteúdo (aqueles encaixotados) e no final completar com, -Vocês não precisam acreditar em mim! Na dúvida, me provem o contrário. Aprendi isso com a profa. Paula Lemos.

O EU NÃO SEI! faz parte do cotidiano, e não é motivo de vergonha.

O que ensinar é obrigatório. Como ensinar que é divertido. (Dorcas, 2022). E eu acrescentaria que o se colocar como vulnerável é criar laços.

Um dos medos de novos professores, principalmente em sala com adolescentes, é a orientação sexual ser exposta em aula (fonte: fofocas de

²¹

<https://open.spotify.com/episode/3FbdTmNe7fdWBMUNQxAil?si=jZuEBVN8T6qd0iWvw35fMw>

intervalo). Quando isso foi perguntado pra mim, durante a prática docente do Estágio II, respondi que sou Bisexual não praticante, gosto dos dois mas não pego ninguém. Risadas, altas, e o assunto dispersou em uma aula normal. O “ser sincero” e falar sobre qualquer coisa também cria uma atmosfera de paridade, vínculo (com todas as aspas e regras) e respeito. A fragilidade de ser “igual” torna a educação humanizada. Igual com aspas, porque a responsabilidade e nível dessa comparação deve ser bem analisada e estudada. Além disso, a adequação dos conteúdos, as combinações e adaptações, podem e devem ser conversadas. Percebi como professor que essa contextualização faz com que o distante fique próximo. Essa avaliação de arte (e comportamento) deve ser conduzida pelo cotidiano dos alunos e comunidade escolar, a arte de Porto Alegre, o que está acontecendo ou aconteceu pelo mundo é importante, mas o que está acontecendo aqui?

Figura 27. Figuro produzido pelo autor para peça “O Reino Infante”.



Fonte: Arquivo pessoal. Fotografia: Tom Peres. Data: 2023

Nossa maneira de aprender está evoluindo na velocidade das dancinhas do TikTok, só que a maneira de ensinar ainda está escrevendo cartas. Ciente da redundância, concluo nessa conclusão, que não concluí nada, mas tomei consciência de algumas coisas que mobilizaram o meu eu professor. Aprendi que cada turma é de um jeito, cada aluno é e se veste diferente. Creio que

como professor, preciso estar disposto a “vestir” todas essas oportunidades que a escola oferece.

Às vezes é preciso se despir das máscaras, de nossos personagens e assumir a identidade nua e crua. Mostrar e, mais, dividir as fragilidades e inseguranças pode nos fazer mais fortes, por mais contraditório que isso possa parecer. Entendi que há em mim uma identidade docente, que busca e acredita que o diálogo e proximidade entre aqueles que estão na sala de aula é uma estratégia que me agrada, no momento. Que combinados podem ser um modo de mobilização, para ambos os lados, docentes e alunos. Por fim, vesti que docência é sobre perceber, trocar, sobre tecer, sobre alinhar e costurar, independentemente de qual assunto, de qual conteúdo, ou sobre qual tecido estiver sobre a mesa.

REFERÊNCIAS

AIDAR, Laura. **Teatro Grego**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/teatro-grego/>. Acesso em: 25/01/2023.

ALVES. Paulo Gabriel. **Gênero, moda e fotografia: Retrato da elite porto-alegrense (1889 - 1914)**. Teresina - Piauí, 2021.

ARAUJO. Lindomar da Silva. **Figurino**. Infoescolas.com. [s.d.]. Disponível em <https://www.infoescola.com/artes-cenicas/figurino/>. Acesso em 25/01/2023.

BRANCO, Rosa Alice. **As cores das coisas: viagem pela natureza e pelos objetos**. Lisboa: Contraponto, 2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.

Dicionário online de Português. Disponível em <https://www.dicio.com.br/> Acesso em 25/01/2023.

A ciência explica porque os adolescentes usam moletom no calor. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbessaude/2022/08/a-ciencia-explica-por-que-adolescentes-usam-moletom-no-calor/>. Acesso em: 28/11/2023

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2004.

História do jeans. Yuool.com.br. 08/03/2022. Disponível em [https://www.yuool.com.br/blog/historia-do-jeans-a-jornada-de-sucesso-do-tecido-mais-popular-do-mundo#:~:text=Ent%C3%A3o%2C%20de%20onde%20surgiu%20o,marinheiros%20ou%20trabalhadores%20do%20campo](https://www.yuool.com.br/blog/historia-do-jeans-a-jornada-de-sucesso-do-tecido-mais-popular-do-mundo#:~:text=Ent%C3%A3o%2C%20de%20onde%20surgiu%20o,marinheiros%20ou%20trabalhadores%20do%20campo.). Acesso em 28/01/2023.

HOLZMEISTER. Silvana. **New Look: símbolo de resistência completa 75 anos**. Revistaloficial.com.br. 15/07/2022. Disponível em <https://www.revistaloficial.com.br/moda/new-look-simbolo-de-resistencia-completa-75-anos>. Acesso em 29/01/2023.

Humanos usam roupas há 170 mil anos. Revistagalileu.globo.com Disponível em [https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT200592-17770,00.html#:~:text=Os%20humanos%20come%C3%A7aram%20a%20usar,tamb%C3%A9m%20um%20parasita%20de%20corpo](https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT200592-17770,00.html#:~:text=Os%20humanos%20come%C3%A7aram%20a%20usar,tamb%C3%A9m%20um%20parasita%20de%20corpo.). Acesso em 25/01/2023.

NOVAES, Aduino. **Muito além do espetáculo**. São Paulo: SENAC, 2005.

Pesquisa revela que 46% dos brasileiros usam jeans todos os dias. Fremplast.com.br. [s.d.]. Disponível em <https://fremplast.com.br/pesquisa-revela-que-46-dos-brasileiros-usam-jeans-todos-os-dias/>. Acesso em 28/01/2023.

Pequeno glossário de moda. Blog. Zanotti.com.br. 2022. Disponível em

<<https://zanotti.com.br/blog/pequeno-glossario-de-moda/>. Acesso em 25/01/2023.

Roupa certa. Roupacerta.com.br. [s.d.]. Disponível em <https://roupacerta.com.br/linha-do-tempo/>. Acesso em 29/01/2023.

SILVA, Luiz Carlos F.; FRANCO, Edgar. **Os figurinos cibergóticos para as performances híbridas do posthuman tantra.** Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/779/o/Luiz_Edgar.pdf. Acesso em 26 jan. 2023.

UseFashion. **Invista divulga pesquisa sobre jeans no Brasil.** Br.fashionnetwork.com. 25/01/2013. Disponível em: <https://br.fashionnetwork.com/news/Invista-divulga-pesquisa-sobre-jeans-no-brasil,307976.html>. Acesso em: 09 fev. 2023.